

Livro II

II.1.311-350 – Homero

Ἐμφορὸν χαλκὸν Ὅμηρος ἐδείκνυεν, οὔτε μενοινῆς
 ἄμμορον οὔτε νόου κεχρημένον, ἀλλ' ἄρα μούνης
 φωνῆς ἀμβροσίης, ἀνέφαινε δὲ θυιάδα τέχνην.
 ἦ καὶ χαλκὸν ἔχευεν ὁμῇ θεὸς εἶδεῖ μορφῆς·
 οὐ γὰρ ἐγὼ κατὰ θυμὸν οἴομαι, ὅττι μιν ἀνὴρ
 ἐργοπόνος χάλκευσε παρ' ἐσχαρεῶνι θαάσσω·
 ἀλλ' αὐτὴ πολύμητις ἀνέπλασε χερσὶν Ἀθήνη
 εἶδος ἐπισταμένη, τόπερ ὄκεεν· ἐν γὰρ Ὀμήρῳ
 αὐτὴ ναιετάουσα σοφὴν ἐφθέγγετο μολπὴν.
 σύννομος Ἀπόλλωνι, πατὴρ ἐμός, ἰσόθεος φῶς,
 ἴστατο θεὸς Ὅμηρος, εἶκτο μὲν ἀνδρὶ νοῆσαι
 γηραλέῳ, τὸ δὲ γῆρας ἔην γλυκύν· τοῦτο γὰρ αὐτῷ
 πλειότερην ἔσταζε χάριν· κεκέραστο δὲ κόσμῳ
 αἰδοῖα τε φίλῳ τε· σέβας δ' ἀπελάμπετο μορφῆς.
 αὐχένι μὲν κύπτοντι γέρων ἐπεσύρετο βότρυς
 χαίτης, εἰς ὀπίσω πεφορημένος, ἀμφὶ δ' ἀκουάς
 πλαζόμενος κεχάλαστο· κάτω δ' εὐρύνετο πώγων
 ἀμφοιταθεῖς, μαλακὸς δὲ καὶ εὐτροχος· οὐδὲ γὰρ ἦεν
 ὀξύτενης, ἀλλ' εὐρὺς ἐπέπτατο, κάλλος ὑφαίνων
 στήθεϊ γυμνωθέντι καὶ ἱμερόεντι προσώπῳ.
 γυμνὸν δ' εἶχε μέτωπον· ἐπ' ἀπλοκάμῳ δὲ μετώπῳ
 ἦστο σαοφροσύνη κουροτρόφος· ἀμφὶ δ' ἄρ' ὀφρῦς
 ἀμφοτέρας προβλήτας εὐσκοπος ἔπλασε τέχνη,
 οὔτι μάτην· φαέων γὰρ ἐρημάδες ἦσαν ὀπωπαί.
 ἀλλ' οὐκ ἦν ἀλαῶ ἐναλίγκιος ἀνδρὶ νοῆσαι·
 ἔζετο γὰρ κενεοῖς χάρις ὀμμασιν· ὥς δὲ δοκεύω,
 τέχνη τοῦτο τέλεσσαν, ὅπως πάντεσσι φανείη
 φέγγος ὑπὸ κραδίην σοφίης ἄσβεστον αἰείρων.
 δοιαὶ μὲν ποτὶ βαιὸν ἐκοιλαίνοντο παρειαὶ
 γήραϊ ῥικνήεντι κατάσχετοι· ἀλλ' ἐνὶ κείναις
 αὐτογενής, Χαρίτεσσι συνέστιος, ἵζανεν Αἰδώς.
 Περικὴ δὲ μέλισσα περὶ στόμα θεῖον ἀλάτο,
 κηρίον ὠδίνουσα μελισταγές, ἀμφοτέρας δὲ
 χεῖρας ἐπ' ἀλλήλησι τιθεὶς ἐπερείδετο ῥάβδῳ
 οἷά περ ἐν ζωοῖσιν· ἐὴν δ' ἐκλινεν ἀκουὴν
 δεξιτερὴν, δόκεεν δὲ καὶ Ἀπόλλωνος ἀκούειν
 ἦ καὶ Πιερίδων τινὸς ἐγγύθεν. ἐν δ' ἄρα θυμῷ
 σκεπτομένῳ μὲν εἶκτο· νόος δέ οἱ ἔνθα καὶ ἔνθα
 ἐξ ἀδύτων πεφόρητο πολυστρέπτοιο μενοινῆς,
 Περικῆς Σειρήνος ἀρήιον ἔργον ὑφαίνων.

Como bronze consciente Homero mostrava-se – não privado de pensamento ou necessitado de inteligência, mas apenas de sua voz imortal – e deixava transparecer sua

desvairada arte. Certamente alguma deidade verteu de uma só vez o bronze na forma do corpo, pois não creio, em meu íntimo, que algum laborioso homem sentado à forja o tenha modelado, mas sim que a própria Atena, sapientíssima, com as mãos o plasmou, conhecendo a forma que justamente costumava habitar: ela mesma, pois, fazendo morada em Homero, proferia seu hábil canto. Parceiro de Apolo, meu pai, mortal igual aos deuses, o divino Homero apresentava-se ereto; parecia um homem velho, mas sua vetustez era doce, pois destilava sobre ele ainda mais graça. Foi temperado com adorno tanto reverente quanto gentil, e majestade resplandecia de sua forma. Sobre o pescoço curvado, pendia em cacho a cabeleira de ancião, levada para trás, flutuando frouxa em volta das orelhas. Cingindo o rosto, a barba alargava-se à medida que descia, suave e redonda, pois não era alongada em ponta, mas caía ampla, tecendo adereço para o peito desnudo e a encantadora face. Tinha a fronte nua, e sobre essa fronte sem cabelos repousava a Prudência, nutriz dos jovens. A ambas as sobrancelhas a Arte de acurada vista moldou proeminentes, e não sem razão – pois os olhos eram faltos de luz. Entretanto, não se assemelhava a um homem que não vê, porque no olhar vazio havia graça: como penso, a Arte o perfez de modo a evidenciar a todos que ele carregava no fundo do coração o brilho inextinguível da sabedoria. As duas bochechas encontravam-se um tanto vincadas, possuídas pela velhice que encarquilha, mas sobre elas tomava lugar inata Modéstia, companheira das Graças; uma abelha piéria errava em torno de sua boca divina, produzindo um favo de mel gotejante. Com as mãos dispostas uma sobre a outra, apoiava-se sobre um bastão, exatamente como quando se achava entre os vivos, e inclinava sua orelha direita, como parecia, para escutar de perto a Apolo ou a alguma das Piérides. Dava a impressão de ter a alma em meditação, enquanto o intelecto era transportado aqui e ali do santuário do versátil pensamento, urdindo alguma obra bélica da sirene piéria.

Livro IV

IV.1 – Guirlanda de Meleagro

Μοῦσα φίλα, τίνι τάνδε φέρεις πάγκαρπον ᾠοιδᾶν
 ἢ τίς ὁ καὶ τεύξας ὕμνοθετᾶν στέφανον;
 ἄνυσε μὲν Μελέαγρος· ἀριζάλῳ δὲ Διοκλεῖ
 μναμόσυνον ταύταν ἐξεπόνησε χάριν·
 πολλὰ μὲν ἐμπλέξας Ἀνύτης κρίνα, πολλὰ δὲ Μοιροῦς
 λείρια, καὶ Σαπφοῦς βαιὰ μὲν, ἀλλὰ ῥόδα,
 ναρκίσσων τε χορὸν Μελανιπίδου ἔγκυν ὕμνων,
 καὶ νέον οἰνάνθης κλῆμα Σιμωνίδεω·
 σὺν δ' ἀναμιξ πλέξας μυρόπνουν εὐάνθεμον ἶριν
 Νοσσίδος, ἧς δέλτοις κηρὸν ἔτηξεν Ἔρωσ·
 τῇ δ' ἅμα καὶ σάμψυχον ἄφ' ἠδυπνόοιο Ῥιανοῦ,
 καὶ γλυκὺν Ἡρίνης παρθενόχρωτα κρόκον,
 Ἀλκαίου τε λάληθρον ἐν ὕμνοπόλοις ὑάκινθον,
 καὶ Σαμίου δάφνης κλῶνα μελαμπέταλον·
 ἐν δὲ Λεωνίδεω θαλεροῦς κισσοῖο κορύμβους,
 Μναςάλκου τε κόμας ὀξυτόρου πίτυος·
 βλαιοσὴν τε πλατάνιστον ἀπέθρισε Παμφίλου οἶμης,
 σύμπλεκτον καρύης ἔρνεσι Παγκράτεος,
 Τύμνεά τ' εὐπέταλον λεύκην, χλοερὸν τε σίσυμβρον
 Νικίου, Εὐφήμου τ' ἀμμότροφον πάραλον·

ἐν δ' ἄρα Δαμάγητον, ἶον μέλαν, ἠδὺ τε μύρτον
 Καλλιμάχου, στυφελοῦ μεστὸν αἰεὶ μέλιτος,
 λυχνίδα τ' Εὐφορίωνος ἰδ' ἐν Μούσῃσιν ἄμωμον,
 ὃς Διὸς ἐκ κούρων ἔσχεν ἐπωνυμίην.
 τῇσι δ' ἅμ' Ἠγήσιππον ἐνέπλεκε, μαινάδα βότρυν,
 Πέρσου τ' εὐώδη σχοῖνον ἀμηςάμενος,
 σὺν δ' ἅμα καὶ γλυκύμηλον ἀπ' ἀκρεμόνων Διοτίμου,
 καὶ ῥοιῆς ἄνθη πρῶτα Μενεκράτεος,
 σμυρναίους τε κλάδους Νικαινέτου, ἠδὲ Φαέννου
 τέρμινθον, βλωθρήν τ' ἀχράδα Σιμίω·
 ἐν δὲ καὶ ἐκ λειμῶνος ἀμωμήτοιο σέλινα,
 βαιὰ διακνίζων ἄνθεα, Παρθενίδος,
 λείψανά τ' εὐκαρπεῦντα μελιστάκτων ἀπὸ Μουσέων,
 ξανθοὺς ἐκ καλάμης Βακχυλίδεω στάχυν·
 ἐν δ' ἄρ' Ἀνακρείοντα, τὸ μὲν γλυκὺ κεῖνο μέλισμα
 νέκταρος, ἐν δ' ἐλέγους ἄσπορον ἀνθέμιον·
 ἐν δὲ καὶ ἐκ φορβῆς σκολιότριχος ἄνθος ἀκάνθης
 Ἀρχιλόχου, μικρὰς στράγγας ἀπ' ὠκεανοῦ·
 τοῖς δ' ἅμ' Ἀλεξάνδροιο νέους ὄρπηκας ἐλαίης
 ἠδὲ Πολυκλείτου πορφύρεον κύαμον.
 ἐν δ' ἄρ' ἀμάρακον ἦκε Πολύστρατον, ἄνθος αἰοιδῶν,
 φοίνισσάν τε νέην κύπρον ἀπ' Ἀντιπάτρου·
 ναὶ μὴν καὶ Συρίαν σταχυότριχα θήκατο νάρδον
 ὕμνοθέταν Ἑρμοῦ δῶρον αἰετιόμενον.
 ἐν δὲ Ποσειδίππὸν τε καὶ Ἠδύλον, ἄγρι' ἀρούρης,
 Σικελίδεω τ' ἀνέμοις ἄνθεα φυόμενα·
 ναὶ μὴν καὶ χρύσειον αἰεὶ θείοιο Πλάτωνος
 κλῶνα, τὸν ἐξ ἀρετῆς πάντοθι λαμπόμενον.
 ἄστρον τ' ἴδριν Ἄρατον ὁμοῦ βάλεν, οὐρανομάκευς
 φοίνικος κείρας πρωτογόνους ἔλικας,
 λωτόν τ' εὐχαίτην Χαιρήμονος, ἐν φλογὶ μίξας
 Φαιδίμου, Ἀνταγόρου τ' εὐστροφον ὄμμα βοός,
 τάν τε φιλάκρητον Θεοδορίδεω νεοθαλῇ
 ἔρπυλλον, κυάνων τ' ἄνθεα Φανίω,
 ἄλλων τ' ἔρνεα πολλὰ νεόγραφα· τοῖς δ' ἅμα Μούσῃς
 καὶ σφετέρῃς ἔτι που πρῶϊμα λευκόϊα. —
 ἀλλὰ φίλοις μὲν ἐμοῖσι φέρω χάριν· ἔστι δὲ μύσταις
 κοινὸς ὁ τῶν Μουσέων ἠδυεπὴς στέφανος.

Musa amiga, a quem ofertas este canto de frutos de toda sorte? Ou ainda, quem foi o autor de tal guirlanda lírica?

Perfê-la Meleagro, e foi para o ilustre Díocles, como recordação, que elaborou esta oferenda.

Muitas açucenas de Ânite entrelaçou, e de Mero muitos lírios; também um pouco de Safo, mas rosas; o narciso prenhe de penetrantes hinos de Melanípides e um ramo tenro da vinha de Simônides; confusamente, trançou junto a perfumada, florida íris de Nóssis, para cujas tabuletas Eros derreteu a cera; com essa, também a manjerona do odorífico Riano e, de Erina, o doce açafraão da cor das virgens; de Alceu, o jacinto, tagarela entre os compositores de hinos, e rebentos do loureiro de folhas negras de Sâmio.

Nela trançou vicejantes cachos da hera de Leônidas e, de Mnasalcas, tufos do pontiagudo pinho; cortou o plátano retorcido do poema de Pânfilo e o entreteceu com renovos da nogueira de Pâncrates; o frondoso choupo branco de Timnes, a verde hortelã de Nícias e, de Eufemo, a planta que cresce na areia da praia; nela então trançou Damageto – a violeta negra – e o suave mirto de Calímaco, sempre carregado de acre mel; a lícnide de Eufóron e o cíclame entre as Musas – aquele que dos filhos de Zeus recebeu o nome.⁴⁰

Com esses entrelaçou Hegesipo – o cacho de uvas mênade – e, de Perses, o aromático capim-limão que ceifara; incluiu ainda a doce maçã dos ramos de Diotimo e as primeiras flores da romãzeira de Menécrates; galhos da mirra de Nicêneto, o terebinto de Faeno e a alta pereira silvestre de Símiat; ali também juntou algumas flores do irrepreensível aipo do prado de Pártenis, despetalando-as, e – relíquias fecundas do mel que goteja das Musas – espigas louras do cálamio de Baquílides.

Nela então trançou Anacreonte, aquela melodia da doçura do néctar, pequena flor estéril nas elegias; trançou ali também a flor do crespo cardo do prado de Arquíloco, umas poucas gotas de seu oceano, e a essas acrescentou vergôntes frescas da oliveira de Alexandre e a centáurea purpúrea de Policlito. Ali então lançou amáraco – Polístrato, flor dos aedos – e a fresca hena escarlate de Antípatro; além disso, pôs o nardo sírio coroado de espigas – poeta celebrado como “dom de Hermes”⁴¹ – e ali trançou tanto Posidipo quanto Hédilo – flores do campo selvagem – e, de Sicélides, as flores nascidas para os ventos.⁴²

Sim, é verdade, adicionou o sempre dourado rebento do divino Platão, resplendente pela excelência em toda parte; lançou junto o experto em astros Arato, após cortar as primeiras gavinhas da palmeira que se alonga até o céu, o lótus de densa folhagem de Querêmon, mesclado com o goivo de Fédimo, e o flexível olho-de-boi de Antágoras; de Teodóridas, o recém-florido tomilho, amante de vinho, flores das favas de Fânias e, de outros, muitos renovos recém-escritos – e com esses ainda misturou as precoces violetas brancas de sua própria Musa.

Oferto esta dádiva aos meus amigos, mas também aos iniciados aproveita esta guirlanda de voz maviosa das Musas.

Livro XV

XV.35 – Teófanis

Εἶθε κρίνον γενόμην ἀργένναον, ὄφρα με χερσὶν
ἀρσαμένη μᾶλλον σῆς χροτιῆς κορέσης.

Oxalá fosse eu nívea açucena, para que me recolheuses em tuas mãos e, ainda mais, me saciasse com tua pele!

⁴⁰ sc. Dioscórides. O nome provém de Διόσκουποι, lit. “rapazes (filhos) de Zeus”, ou seja, Cástor e Pólux.

⁴¹ sc. Hermodoro. No texto grego, o nome aparece decomposto: Ἑρμοῦ δῶρον, lit. “dom de Hermes”.

⁴² O autor se refere à anêmona (ἀνεμώνη), flor que se abre ao menor vento (ἄνεμος) e se despetala facilmente. Embora o nome da flor pareça derivar-se da palavra que significa “vento”, essa aproximação provavelmente é etimologia popular.

Como citar este texto (ABNT):

MALACARNE, L. Antologia grega de Luciana Malacarne. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 57-60, 2019.